



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



SARAMAGO E LANZAROTE

Rafael de Almeida Serra Dias¹

Resumo: Este trabalho se propõe a estudar os diários do autor José Saramago, intitulados de Cadernos de Lanzarote, uma sequência de seis livros, escritos entre 1993 e 1998. O nome remete à localidade de Lanzarote, uma ilha espanhola no Oceano Atlântico, na costa da África. Esses livros serão interpretados como fontes históricas, escrutinados dentro de suas especificidades, de ser um registro histórico produzido pelo próprio sujeito, para tornar esses escritos públicos. Essas condições não limitam a interpretação, mas, pelo contrário, estimulam a investigação histórica, que vai interpretar a relação do autor com os espaços e com os trânsitos, nos diários. Entre 1993 e 1998 o autor foi vencedor do prêmio Camões (em 1995) e do prêmio Nobel de Literatura (em 1998), além de publicar dois livros de ficção, uma peça teatral e um livro de contos. O mundo editorial no final do século XX era repleto de eventos e divulgações de lançamentos e traduções de suas obras e depois dos prêmios essa gama de trânsitos aumentou muito. Por isso a escolha em buscar entender esse sujeito histórico e suas relações com os espaços.

Palavras-chave: José Saramago, diários, Lanzarote.

29 de Janeiro, 1994

Chegaram as provas dos Cadernos. Tenho diante de mim, desde Abril, o ano que passou, releio os comentários que fiz ao correr dos dias, os desabafos, algumas queixas, não poucas indignações, umas quantas alegrias, e vejo regressarem todas as dúvidas que me fizeram hesitar sobre o interesse e a oportunidade da publicação. Não temo as vaidades ofendidas ou os legítimos melindres das pessoas aludidas (é dos livros que quem vai à guerra, dá e leva), mas temo, isso sim, que este registo de ideias domésticas, de sentimentos quotidianos, de circunstâncias médias e pequenas, não ganhe em importância ao diário de um colegial, no tempo que os colegiais escreviam diários. Eu próprio me pergunto por que me terá dado para este exercício um tanto complacente. Ou talvez não o seja, talvez eu acredite que assim retenho o tempo, que o faço passar mais devagar só porque vou descrevendo algo do que nele acontece. Veremos o que resultará daqui. Em dois meses o livro sairá, então saberei melhor o que hei-de pensar — quando começar a saber o que pensaram os outros.

¹ Doutor em História pelo IUL-Portugal, Mestre em História Social pela PUC-SP, Licenciado em História pela UNESP-Assis, professor FESB/Viverde, prof.rafael.dias@outlook.com



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A presente comunicação se refere a uma pesquisa muito recente, que busca de novos ares depois da defesa do Doutorado e as desilusões relacionadas aos concursos de professores universitários no Brasil, no pós golpe que tirou Dilma Rousseff e encerrou programas de pesquisa e bolsa. Produzir ciência com turmas regulares de ensino fundamental, médio e superior e nenhum apoio financeiro se torna um desafio hercúleo. Impedido de visitar arquivos, busquei a realização de pesquisa dentro das possibilidades adversas, os diários de José Saramago intitulados *Cadernos de Lanzarote*, se mostraram uma fonte rica sobre a vida do ganhador do prêmio *Nobel de Literatura*.

Lanzarote é uma ilha Atlântica localizada próxima da costa africana, que pertence a Espanha, foi o local escolhido pelo autor, para o seu autoexílio, como residência depois da polêmica com o Governo de Aníbal Cavaco Silva², na sucinta autobiografia constante no endereço eletrônico da sua Fundação esta parte é contada dessa forma: “censura exercida pelo Governo português sobre o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), vetando a sua apresentação ao *Prémio Literário Europeu* sob pretexto de que o livro era ofensivo para os católicos, transferimos, minha mulher e eu, em Fevereiro de 1993” (SARAMAGO)³. Esta questão aparece muitas vezes, no diário, o sugere que tanto em 1993 como em 2007, o autor permanecia com ressentimento, do que lhe havia ocorrido.

Até então na sua longa carreira de escritor José Saramago, não havia produzido, nada parecido como esses diários, talvez, pela polêmica com o embate do Governo Português, ou impellido pela necessidade de produzir algo sobre si mesmo, como destaca Phillipe Artières: “acontece também de o indivíduo ser solicitado, e às vezes submetido a pressões não mais apenas familiares, para arquivar a própria vida. Nesse caso, manter arquivos da própria vida seria considerado uma contribuição ao conhecimento do gênero humano (ARTIÈRES, 1998, p.16). Outras possibilidades seriam o incentivo familiar ou até de uma própria necessidade editorial de mais produção.⁴

² Político do Partido Social-Democrata PSD, estava na altura no seu terceiro mandato como Primeiro-Ministro de Portugal no então XII Governo Constitucional de Portugal.

³ Informação disponível: <https://www.josesaramago.org/autobiografia-de-jose-saramago/> acessado em 14/03/2021. Não consta o ano em que ele teria escrito tais informações, mas as informações vão até 2007 o que nos permite pensar que provavelmente o texto foi produzido na ocasião do lançamento do site da fundação e depois foi acrescentadas as informações posteriores a esta data com o nome de nota, com os nomes dos livros produzidos depois de 2007.

⁴ Essa hipótese se era verdade no início, depois se tornou ultrapassada, pois sua produção literária continuou rica e não houve aparentemente qualquer prejuízo do ofício de escritor devido ao diário.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



No ano de 2018 houve a publicação do VI volume dos Cadernos de Lanzarote, que foi descoberto por um biógrafo nos arquivos de um computador antigo do autor. E que devido à efeméride dos vinte anos do *Prêmio Nobel*, afinal teve seu lançamento depois de vinte anos da sua escrita, nele Pilar del Río, escreveu um texto introdutório chamado *O Limbo e os Discos Rígidos do Tempo* nele, ela explica por que o volume seis, ficou em um perdido e como depois de tanto tempo, foi encontrado, alguns trechos nos permitem construir explicações sobre as perguntas. Em relação a razão da feitura dos diários, sua interrupção e depois retorno, temos um parágrafo muito elucidativo:

José Saramago assegurou, várias vezes, que o diário de 1998 seria o último porque os compromissos assumidos como autor e como cidadão o obrigavam a organizar de outra forma as horas do dia. Só em 2007, depois de uma doença que quase lhe ia custando a vida, sentiu a necessidade de comunicação diária com outros e fê-lo através de um blogue, publicado diariamente na página da Fundação José Saramago e em alguns meios de comunicação. Estes textos, mais concretos e diretos, também foram publicados em dois volumes que já não incluem o nome da ilha vulcânica que o escritor escolheu para viver, são simplesmente *Os Cadernos* do autor (SARAMAGO, 2018).

Neste trecho identificamos que afinal, os diários ocupavam as horas do dia do autor, a ponto de depois do prêmio da Academia sueca, havia uma incompatibilidade na realização dos registros diários e depois revisão e publicação do livro em forma de Cadernos de Lanzarote.⁵ Outro interessante trecho está na afirmação de quem em 2007, depois de quase perder a vida o autor sentiu a necessidade de retomar a escrita de si e do mundo ao redor, logo talvez fosse esse um dos motivos também do início dos Cadernos.

No primeiro volume Saramago diz: “ninguém escreve um diário para dizer quem é. Por outras palavras, um diário é um romance com uma só personagem. Por outras palavras, ainda, e finais, a questão central sempre suscitada por este tipo de escritos é, assim creio, a da sinceridade” (p.7) Neste trecho ele aponta para a sinceridade como uma das motivações da escrita, algumas vezes ele, se pergunta se as pessoas ficaram chateadas com suas palavras. Afinal o que à História pode aproveitar de diários de escritores? Para o seu ofício, bom desde a revolução dos *Analles* que as fontes históricas, expandiram seus alcances e quais quer

⁵ Inclusive este sexto volume tem anotações incompletas, ou apenas temas anotados, que provavelmente seriam completados ou excluídos na revisão do texto para o envio de seus editores, que acabaram por não serem feitos devido justamente a terem ficado nesse limbo de arquivos do computador que foi trocado.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



registros das atividades dos seres humanos passaram a ser analisados para entendermos melhor à História, sem destinação entre documentos oficiais ou documentos privados.

José Saramago foi um personagem privilegiado, do século XX. Existem várias facetas desse personagem histórico como, por exemplo - sua atuação política em Portugal, como militante do Partido Comunista Português (PCP), sua vasta obra literária, seu ateísmo, antiglobalização, crítico ao projeto da comunidade europeia⁶, sua defesa pelos Direitos Humanos, entre outros temas sobre os quais, - empenhou essas bandeiras, mesmo com diversos prejuízos que elas o acabaram causando. A referida anteriormente decisão de sair de Portugal, foi motivada pela polémica envolvendo seu livro *Evangelho segundo Jesus Cristo*, publicado em 1991, que gerou críticas e elogios, em muitos círculos dos mais variados setores da sociedade. Ao longo do primeiro volume do CL, Saramago relata várias vezes, críticas feitas por leitores, como no caso relatado aqui:

Durante a sessão saiu-me um professor de Filosofia (pobre filosofia!) católico integrista, discípulo do falecido monsenhor Lefèvre. Furibundo, declarou-se intolerante em relação a mim (o tema do colóquio era, precisamente, a Intolerância), e tudo por causa do Evangelho. Ainda. Protestava a criatura contra a conceção de Jesus como eu a descrevi, carnalíssima, ofendendo o dogma da virgindade de Maria, e eu respondi-lhe que se era verdade ter Jesus nascido como pura luz, então o Filho de Deus não podia ter tido umbigo, uma vez que não precisou de cordão umbilical nem placenta, e quanto ao útero da mãe, se ela o tinha, não deve ter precisado de comportar-se biologicamente como tal. Quis ripostar, mas aí resolvi ser tão intolerante como ele e recusei-me a ouvi-lo. Cheguei em casa exausto. Vale a pena? (p.57)

Como se pode perceber, além do Estado português, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, causou muita controvérsia em Portugal e no mundo todo ao abordar o personagem Jesus Cristo a partir de outra visão. Este tema vai ser muito abordado, Vasco Graça Moura⁷, vai abordar o tema do exílio de maneira diferente, no programa de rádio da Rádio de Portugal (RDP) chamado “Verdades e outras invenções” no qual dois debatedores opostos, abordavam

⁶ Atualmente existe o termo eurocético, mas na década de 1990 não existe esse vocabulário para representar alguém que critica o projeto europeu de União Europeia,

⁷ Formado em direito, autor de diversos livros, participou na política portuguesa no Partido Social Democrata desde a redemocratização, ocupou vários cargos, até o ano de sua morte em 2014 quando era Diretor do Centro Cultural de Belém.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



suas diferenças, causando grande irritação em Saramago como podemos perceber no trecho abaixo:

Vasco Graça Moura é de opinião que, bem vistas as coisas, eu acabei por obter benefícios (materiais, claro está, dinheiro, livros vendidos) por virtude do procedimento do Governo no caso do Prémio Literário Europeu. Fiquei estupefacto e consternado, mas, ainda assim, consegui manifestar o meu protesto em termos moderados. Desgraçadamente, o absurdo não ficou por aqui. A atitude do Vasco Graça Moura caiu de chapuz no escândalo quando afirmou, palavra por palavra e com toda a convicção, que também o Salman Rushdie veio a ser beneficiado com a condenação à morte: viu aumentadas as tiragens dos Versículos Satânicos, tornou-se conhecido em todo o mundo... Não consigo entender. Graça Moura é um homem inteligente, culto, educado, mamou (como disse um autor que ele conhece melhor do que eu) do leite da bondade humana, e, apesar de tantos dotes naturais e tantos agraciamentos da cultura, é capaz de produzir, com o ar mais natural da vida, uma enormidade destas?

No trecho existe uma clara revolta de José Saramago, ao constatar tal crítica vindo de um autor ao qual ele atribui inteligência, diferentemente de Lara ou Cavaco. A associação de que essa polémica só beneficiou com mais livros vendidos como também aconteceu com o autor Salman Hushdie que lançou seu livro *Os versos satânicos*, mesmo ano que foi lançado o Evangelho Segundo Jesus Cristo em 1991. No caso do escritor indiano Hushdie, houve uma repercussão muito mais grave pois ele teve sua morte decretada pelo Aiatolá Ruhollah Khomeini, por sua obra agredir a figura do profeta Maomé e o Islã como um todo.

José Saramago no diário, relata um encontro em Santiago de Compostela com Hushdie em setembro de 1993 para o evento internacional de literatura do PEN Internacional e expõe sua opinião sobre a condenação de Salman dessa forma:

Estivemos com ele meia hora, por trás da muralha da segurança. Rushdie pareceu-me um homem simples, sem sinal de sofisticação e vedetismo. Se já o era assim antes que Alá o tivesse fulminado, não sei. Agradeceu-me a carta que lhe escrevi há dois anos, citou passagens dela. Manifestou a sua esperança de que as dificuldades políticas e económicas com que o Irão se debate actualmente contribuam para a anulação da sentença, mas insiste que a pressão da solidariedade internacional continua a ser tão necessária como nos primeiros dias. Sou menos optimista do que ele quanto às probabilidades de um desenlace feliz desta absurda história. Ainda que o governo e as autoridades religiosas do Irão anunciem o cancelamento da «fatwa», Rushdie ficará sempre à mercê de um fanático desejoso de entrar no céu pela porta principal. Sem esquecer que os riscos de um atentado passarão a ser maiores a partir desse dia: despedida a segurança, Salman tornar-se-á mais vulnerável do que qualquer cidadão comum...



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Além do posicionamento forte e cético em relação ao que pode acontecer com o autor indiano, em várias oportunidades comparam os dois autores, algo que Saramago nunca aceita, pelo fato de que como ele, não houve uma condenação absurda de morte, por intolerância religiosa. Em várias entrevistas o autor português, chega a defender o direito de escrever blasfêmias, não se iguala a Salman Rushdie mas sim a ideia, de que se poder escrever sobre personagens religiosos. Para além da questão do aumento de vendas ou das comparações, este tema ressalta também como o universo editorial, no qual estava inserido José Saramago era muito elevado, pois ele vai relatar encontros com os grandes escritores contemporâneos, da última década do século XX.

Os deslocamentos do autor, nesse eram constantes e privilegiados, como podemos perceber neste pequeno trecho, existem outros onde autores como Jorge Amado, Gabriel Garcia Marques, Chico Buarque de Holanda, Umberto Eco, entre outros mencionados. Todas as portas da globalização estavam abertas para suas palestras e encontros, José Saramago, sua posição era privilegiada nesse processo. Porém o próprio se posicionava contrário a globalização em suas entrevistas como por exemplo, esse trecho da *Folha de S. Paulo* em 15/12/2000: “Todo o mundo ficou mais de um mês querendo saber quem ia ser o presidente eleito quando, na realidade, para nós não há diferença entre (Al) Gore e (George) Bush. Norman Mailer uma vez me disse que Clinton era o último presidente dos Estados Unidos. O poder está em outro lado. A globalização econômica é a nova forma de totalitarismo”⁸ O autor utilizava a sua visibilidade pública de romancista, para se posicionar em relação a uma série de causas, inclusive com o dinheiro do Prêmio Nobel criou uma fundação com seu nome, que tem como área de atuação a defesa dos Direitos Humanos.

No diário também houve espaço para críticas ao capitalismo e a desigualdades sociais como essa, porém ressaltamos que não houve por parte dele, a reflexão de que ele próprio, tirava proveito desse mundo globalizado do mundo das letras. Esse personagem José Saramago, era um imigrante diferente, por ter as suas portas abertas para deslocamentos internacionais, mesmo crítico a esse processo, nunca teve suas entradas ou saídas impedidas. Entretanto como qualquer outro sujeito em trânsito, o romancista passou pelas desconstruções e construções de novas paisagens. Rogério Haesbaert abordou a desterritorialização, como

⁸ Acessado em 30/03/2021, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u7931.shtml>



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



este processo de imigrantes que refazem e recriam outros espaços, a partir da mudança, feita nessa multiterritorialidade, que inclui tanto os aspectos culturais como espaciais (2005).

Por corroborar com as ideias de Stuart Hall

Nos Cadernos de Lanzarote, podemos perceber o autor, retratando essas duas ações como a criação de uma nova paisagem, que ele cria na sua agora morada no autoexílio, na ilha espanhola. Os cunhados María e Javier moravam na ilha, na qual José e Pilar já haviam visitado e conheciam o lugar, possivelmente essa presença afetiva, foi importante para a escolha desse local como a nova morada. Entretanto ao longo do diário, existem várias passagens em que as descobertas do território são descritas, como por exemplo em 9 de maio de 1993: “Desde que nos instalámos em Lanzarote que eu andava a dizer a Pilar que havia de subir todos estes montes que temos por trás da casa, e ontem, para começar, fui-me atrever com o mais alto deles.” (SARAMAGO, p. 32, 2016.)

Além dessa, existem outras como idas as praias, as outras ilhas do arquipélago das Canárias, nestes trechos a uma descrição do local, ou das ações. As construções de desterritorialização são extremamente ricas, no texto do autor como neste caso:

17 de Setembro

Frustrada a operação, pensei logo que poderia escapar-me para Lanzarote e ficar lá estes dias até à viagem que terei de fazer a Paris, no dia 28. Não pôde ser. Houve dificuldades de comunicação com a editora Seuil quando se tratou de alterar os bilhetes, e aqui estou eu, contrariado, irritável, aparentemente como uma criança a quem tivessem tirado o brinquedo preferido. Não é isto, porém. A verdade verdadeira, por muito que me custe reconhecê-lo, é não me sentir eu bem em Lisboa, como se ela não fosse a cidade que, melhor ou pior, via como minha. Esse é o problema: não a vejo, não a sinto.

A verdade verdadeira, por muito que me custe reconhece-lo, é não me sentir eu bem em Lisboa, como se ela não fosse a cidade que, melhor ou pior, via como minha. Esse é o problema: não a vejo, não a sinto.

Um súbito pensamento: será Lanzarote, nesta altura da vida, a Azinhaga recuperada? As minhas deambulações inquietas pelos caminhos da ilha, com o seu o quê obsessivo, não serão repetições daquela ansiosa procura (de quê?) que me levava a percorrer por dentro as marachas do Almonda⁹, os olivais desertos e silenciosos ao entardecer, o labirinto do Paul de Boquilobo?¹⁰ (p. 128-129)

⁹ Almonda é um rio português que passa por Azinhaga na região do Ribatejo.

¹⁰ Paul do Boquilobo é uma reserva natural por onde passa o rio Almonda.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



O autor, contrariado por estar em escala em Lisboa sem o compromisso inicial previsto de fazer uma operação da catarata, queria voltar a Lanzarote, mas não podia e a partir dessa situação de imobilidade, reflete sobre a sua relação com esse espaço. Estabelece um diálogo, entre três territorialidades diferentes, e o próprio descreve esses processos, primeiro identifica o desenraizamento com a Capital do seu país, há um sentimento de perda, em relação àquela identidade partilhada com Lisboa. E ainda no seu relato sobre os espaços e a sua identidade, relata as reconstruções que faz na sua nova moradia, “caminhos da ilha” poderiam ser a mesma que fazia na sua cidade natal, e ainda específica duas localidades específicas nas quais ele fazia em Azinhaga.

Em fevereiro o autor, vai retomar a sua relação com a cidade de Lisboa, na mesma perspectiva ele recusa esse espaço como seu, fazendo uma crítica aos jornalistas e a alcunha que ganhará de “escritor de Lisboa”, ele rejeita essa ideia e recorta isso tudo da seguinte maneira:

22 de Fevereiro

Alguém teve um dia a ideia de chamar-me «escritor de Lisboa» e esse qualificativo transformou-se em moeda corrente no pecúnie informativo dos jornalistas apressados. Na verdade, não tenho escrito acerca de Lisboa, mas sim de algumas «pequenas Lisboas» que são os bairros, que são as ruas, que são as casas, que são as pessoas, microcosmos na cidade-universo que não precisam conhecê-la toda para serem, eles próprios, virtualmente infinitos. Em Ricardo Reis não foi de Lisboa que falei, mas de umas poucas ruas dela e de um certo itinerário que, se não me engano, comporta e exprime um sentimento de inifinitude. Quanto ao Cerco, até o leitor mais desatento observará que a Lisboa de hoje é a Lisboa do século XII, no sentido de que o autor desse livro não pretendeu exprimir uma visão em extensão, mas sim, se a tanto pôde chegar, algo a que chamaria um pressentimento de profundidade. Sim, o tempo como profundidade, o tempo como a terceira dimensão da realidade em duas dimensões em que vivemos.

Este sujeito rejeita a totalidade de Lisboa, ser sua e faz os recortes das suas obras, mesmo com livros que abordam esse local e tendo morado durante tantos anos na cidade, como foi referido anteriormente. Nas suas palavras abordava “pequenas Lisboas”, utiliza duas obras para afirmar tal situação. Podemos interpretar essa afirmação como uma parte desse processo de desenraizamento dele em relação a cidade, na qual a desterritorialização acontece, de maneira paralela e as vezes involuntária, ao rejeitar a alcunha, como um elemento de identidade ele se aproxima dessa desconstrução do local. Muitos eventos dos deslocamentos



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



ou a impossibilidade deles, como no primeiro caso citado, os acontecimentos do cotidiano acabam influenciando nos pensamentos do autor:

4 de Maio 1994

Em Paris. Saio de manhã do hotel, na Rue Rivoli (em tantos anos de vir aqui é a primeira vez que fico alojado na margem direita), e de súbito sinto-me como um estranho na cidade. Não apenas estrangeiro, mas estranho, sobretudo estranho. Nem mesmo quando entrei em Saint-Michel, centro habitual das minhas andanças parisienses, diminuiu este sentimento. Pareceu-me que havia demasiada gente, demasiados anúncios de actos culturais, demasiados livros... Pensei em Lanzarote, onde a gente é escassa, onde os livros só há pouco deixaram de ser raridade, onde as manifestações culturais importantes se contam ao ano pelos dedos, pergunto-me como é possível viver lá sem sentir a falta destas maravilhas (ou as de Lisboa, na proporção...), e penso que está bem assim, que de todo o modo nunca poderia ler tudo, ver tudo, que um dos meus pequenos vulcões levou mais tempo a fazer-se que o Arco do Triunfo e que o vale de Guinate não fica a dever nada aos Campos Elísios...

Os deslocamentos e itinerários de José Saramago em Paris, são relatados pela sua estranheza com a margem direita do Sena e a quantidade excessiva de transeuntes e logo estabelece a comparação com Lanzarote, na qual ela tem mais qualidades que a capital francesa. Numa construção de narrativa onde aponta para um reterritorialização em relação a ilha, quando diz “meus pequenos vulcões” e também ao valorizar mais a Lanzarote do que a Paris. Existe agora uma conexão do autor com o espaço escolhido para sua moradia.

Nesta breve amostra analisada nessa comunicação, os Cadernos de Lanzarote, escritos por José Saramago entre os anos de 1993 e 1998, pudemos constatar a relação do autor, com a escolha da ilha de Lanzarote e o caso de censura do Governo português no prêmio internacional de literatura. Mesmo o autor sendo um migrante privilegiado transnacional com portas abertas no mundo globalizado, ele não só recusa a globalização como algo progressista e sem volta, mas ele também está inserido nesses encontros internacionais do mundo editorial, com uma vasta rede. Outro aspecto que pudemos analisar foi a percepção do autor em relação aos seus sentimentos com os espaços e territórios ao seu redor, como o autoexílio está impactando em relação aos seus outros locais.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida. **Revista Estudos Históricos**. Arquivos Pessoais, n.21,1998.

CANCLINI, Nestor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. 2a ed. Rio de Janeiro, Brasil: Editora UFRJ. 2007.

FERNANDES, Fernanda Buzzon. **O autor segundo ele mesmo: a escrita de si em Cadernos de Lanzarote**, de José Saramago, Assis, 2015, 137, Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Anais do X encontro de Geografia da América Latina**, USP, São Paulo, 2005.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote, Diário I**, Porto, Portugal, Porto Editora, 2016

_____ **Cadernos de Lanzarote I**, São Paulo, Brasil, Cia da Letras, 1997
(versão kindle)

_____ **Cadernos de Lanzarote II**, São Paulo, Brasil. Cia das Letras 1998
(versão kindle)